

ONU aumentará forças de paz

O exemplo de convivência entre brancos e negros e sul-africanos, sob a liderança de Mandela, inspira as Nações Unidas a incentivar as negociações de paz entre a Unita e o governo de Luanda

Jonas N'dadala

Uma força de paz de cerca 7 mil homens será enviada a Angola pela Organização das Nações Unidas (ONU), três meses depois de assinado o Acordo de Lusaka. Kofi Annan, subsecretário geral da ONU encarregado das operações de paz, garantiu o aumento das tropas. Embora esse número de efetivos já tivesse sido admitido nos bastidores da rodada de paz realizada na capital da Zâmbia em julho, só em outubro a ONU reconheceu oficialmente que está disposta a aumentar em 10 vezes suas forças destacadas nesse rico e estratégico país africano.

O exemplo da África do Sul e a pressão internacional são, na avaliação das Nações Unidas, fatores determinantes para que o governo angolano e a organização rebelde Unita assinem a paz, após 11 meses de negociações em Lusaka. A comunidade internacional, através da ONU, tenta dessa forma contribuir para pôr fim à segunda guerra civil angolana, que eclodiu em outubro de 1992. O detonador da crise foi a não-aceitação por parte da Unita de sua derrota eleitoral em setembro daquele ano, atitude que a levou a tentar o acesso ao poder pela via armada.

O secretário de Estado de Cooperação de Angola, Johnny Eduardo Pinnock, mostrou-se confiante na possibilidade de que o acordo de paz seja assinado em breve. Segundo o dirigente angolano, as negociações de Lusaka não estão interrompidas, mas as duas delegações se encontram "consultando suas respectivas direções" em Luanda e na capital dos rebeldes em Huambo, no centro do país.

Duas décadas de guerra - A guerra civil começou em 1975, quando Angola obteve a independência de Portugal, depois de um longo período de luta colonial (1961-1974), e se prolongou até o armistício assinado em maio de 1991, na localidade portuguesa de Bicesse. Annan de-

O governo de Luanda e a rebelde União Nacional para a Independência Total de Angola (Unita) "deverão levar em conta os compromissos assumidos por seus vizinhos sul-africanos", acrescentou, em alusão ao fim do sistema de segregação racial e ao processo eleitoral que em abril conduziu Nelson Mandela, do CNA, à presidência.



O novo contexto na África Austral pode contribuir para a paz em Angola

fendeu o incremento da cooperação com organizações regionais, porque "não reivindicamos o monopólio das missões de paz".

Ao mesmo tempo, reconheceu que será necessário reorganizar o setor sob sua responsabilidade na ONU "para poder responder a novos desafios e orientações". Para ele, a ONU terá capacidade de evitar novos focos de violência em Angola "porque haverá mais forças de paz no terreno" e porque contará com a ajuda "da pressão internacional que terá forte impacto".

Se os africanos e os boers (colonos brancos de origem holandesa) conseguiram chegar à convivência pacífica, o alto dirigente das Nações Unidas estima que o líder da Unita, Jonas Savimbi, e o presidente José Eduardo dos Santos podem fazer o mesmo.

Annan ressaltou, também, os fatores culturais e lingüísticos comuns entre Portugal e sua vasta ex-colônia da África Austral para esperar de Lisboa "o envio de tropas a Angola", concretamente "unidades logísticas e especializadas".